

DITOS POPULARES NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ANTES TARDE DO QUE NUNCA

Maria José Nélo¹

Professora Associada da Universidade Estadual do Maranhão

RESUMO

Este artigo trata de um estudo sobre ditos populares no ensino e aprendizagem de língua portuguesa para alunos nativos e para estrangeiros, decorrente de pesquisas e orientações produzidas por Silveira ao longo das últimas três décadas. Para a pesquisadora e professora, os ditos populares contemplam representações de saberes e fazeres do cotidiano do brasileiro. Tem por objetivo registrar marcos de seus ensinamentos e, à luz de suas reflexões teóricas e metodológicas, destacar elementos culturais do cotidiano brasileiro. A grande mestre, cujo olhar sempre inovador e envolvente, conduzia seus orientandos. Os conhecimentos propostos por ela na práxis científica ocorrem factuais do cotidiano, estudos sobre a identidade cultural do brasileiro sempre centrados no ensino de língua portuguesa. Foram selecionados ditos populares em duas regiões brasileiras para demonstrar as representações avaliativas de diferentes grupos sociais e de suas representações identitárias, com vista a corroborar com os estudos realizados pela Professora Regina.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Pesquisa. Identidade cultural. Ditos populares.

ABSTRACT

This article deals with a study on popular sayings in teaching and learning the Portuguese language for native and foreign students, arising from research and guidance produced by Silveira over the last three decades. For this researcher and teacher, popular sayings cover representations of everyday Brazilian knowledge and practices. It has in view to record milestones in her teachings and, in the light of her theoretical and methodological reflections, highlight cultural elements of Brazilian daily life. The great master, whose standpoint was always innovative and engaging, steered her students. The knowledge proposed by her in scientific praxis includes factual occurrences in everyday life, studies on the cultural identity of Brazilians always centered on teaching the Portuguese language. Popular sayings were selected in two Brazilian regions to demonstrate the evaluative representations of different social groups and their identity representations, with an aim to corroborate the studies carried out by Professor Regina.

KEYWORD: Teaching. Research. Cultural identity. Popular sayings.

Considerações Iniciais

A trajetória da história do ensino de língua, direta ou indiretamente, privilegia o discurso, a cultura, a sociedade em que os cidadãos estão inseridos e/ou têm contato, a construção de conhecimentos pela interação, a transmissão desse conhecimento pelo discurso e o

¹ Endereço eletrônico: marianelo@professor.uema.br // marianelo@uol.com.br

armazenamento cognitivo. Assim, iniciava Regina Silveira suas aulas e as concepções que apresentaremos a seguir são reflexos de seus ensinamentos.

Com base nesse raciocínio, o ponto de partida é a concepção de sociedade, formada por um conjunto de grupos sociais que se organizam a partir de marcos de cognições sociais que, por diferirem de grupo para grupo, são específicos e, assim sendo, cada marco também difere de grupo para grupo. Um marco de cognição social, nesse contexto, é um conjunto de conhecimentos oriundos de representações mentais sobre o que acontece no mundo e se constitui de forma diferente para cada cultura. (SILVEIRA, 1998)

Essas representações são construídas socialmente por todos os membros de um mesmo grupo social que olham o que acontece no mundo, por um mesmo ponto de vista. Esse ponto de vista orienta um conjunto de objetivos, propósitos e interesses comuns a todos os membros do grupo social. Neste sentido, as pessoas se entendem e se agrupam, orientadas pelo mesmo ponto. Por essa razão, de acordo com a pesquisadora, cada grupo social tem seu próprio ponto de vista, pois propicia que os grupos sociais estejam em constante conflito, devido a seus conhecimentos produzidos por interesses e objetivos comuns a respeito do mundo.

A Cognição, por ser construída em sociedade, implica conhecimentos referentes às experiências coletivas, arquivados na memória social dos membros de um mesmo grupo; todavia, as pessoas também têm conhecimentos individuais, resultantes de experiências vivenciadas individualmente.

Embora os conhecimentos individuais sejam armazenados na memória de longo prazo individual não são dissociados da memória de longo prazo social, dessa forma os conhecimentos sociais formam e guiam a construção de conhecimentos individuais, sendo estes dinâmicos, a cada

instante, propiciam uma mudança nos conhecimentos sociais. A concepção de grupo explica-se, pois, pela dinâmica desses processos de continua modificação dos conhecimentos.

Já o Discurso é uma prática social que relaciona os membros dos grupos de cognições de uma sociedade. O discurso é visto como uma prática institucionalizada e organizada pelas categorias Poder, Controle e Acesso (VAN DIJK, 1996). Essas categorias são princípios pelos quais se organizam os discursos institucionais. Não obstante, há eventos discursivos particulares que são realizados fora da especificidade institucional; estes interagem com os Discursos institucionais produzindo uma dinâmica entre os membros de um mesmo grupo social entre si, bem como, de um grupo social para grupo social.

Nesse sentido, tanto as estruturas textuais quanto as mentais são definidas pela interação simbólica social e nas relações comunicativas, pois a linguagem e a língua são a essência que fundamenta a comunicação. A língua, sistema de signos, tem conteúdos linguísticos convencionados para seus significantes; há, também, os conhecimentos de mundo, ou seja, conhecimentos enciclopédicos que ultrapassam os conhecimentos de língua; esses estão incorporados às expressões de uma língua, em seu uso efetivo. Tanto os conteúdos linguísticos quanto os implícitos estão organizados por um sistema de interações discursivas, relativas a atos de fala, que podem ser compreendidos como macro e micro atos de fala. Todos esses apontamentos sobre as concepções de Sociedade, Cognição e Discurso resultam de reflexões e discussões orientadas por Silveira ao longo de suas práticas como professora e orientadora.

Quanto à cultura, conforme a visão de Silveira (1998 e 2000), essa pode ser estudada pelas expressões linguísticas, por ditos populares que se tornam clichês. Esses trazem representados em língua traços da identidade cultural do brasileiro, para os diferentes grupos

sociais de forma que, ao serem repetidos de geração a geração, constroem conhecimentos avaliativos persistentes, genéricos, intergrupais e que instauram a Memória Social do brasileiro. Há, também, conhecimentos avaliativos persistentes que são crenças específicas intergrupais que propiciam uma diversidade cultural para o Brasil.

Não obstante, há uma constância intergrupar que pode ser definida como crenças genéricas extra grupais e que identificam os brasileiros em relação a outras nações lusófonas. Essa constância refere-se a conhecimentos oriundos de experiências coletivamente vivenciadas, propiciando uma identidade cultural para cada grupo social, cujos interesses, propósitos e objetivos, colocam-nos em conflito com os demais. Nesse sentido, considera-se o fato de esses grupos, por terem as mesmas raízes históricas nacionais, apresentarem uma constância entre si: a identidade cultural de um país. Assim, identidade cultural pode ser definida por normas e valores que orientam as atitudes dos brasileiros, diferenciando-os de outros países lusófonos.

Face ao exposto, a identidade cultural do brasileiro, pelo prisma de Silveira, é definida por uma constante interação de conhecimentos que mantêm uma unidade imaginária, devido às raízes históricas comuns do que é o vivido pelos diferentes grupos sociais, embora haja entre eles uma diversidade de pontos de vista contemporâneos que refletem diferentes enfoques sobre um mesmo fato.

Logo, a cultura implica os conhecimentos prévios, resultantes do já vivido no passado que se projetam no futuro, pelo imaginário, e que estão ativos no presente da resolução de problemas novos, com contemporaneidade. Assim, a articulação entre a cognição social e o imaginário propicia as representações do que acontece agora no mundo (SILVEIRA, 2000).

Essa mudança, na ótica da pesquisadora e professora, somada às leituras de Van Dijk (1996 e 1997) Fairclough (2000), resulta novas perspectivas teóricas e metodológicas para o ensino. Sob o prisma teórico, o discurso passa a ser visto não só como estrutura, mas também como interação social; e o texto passa a ser visto como um produto construído com as estruturas da língua, e como um processo memorial (macro, micro e superestrutura), realizado durante o processamento da informação. Nesse sentido, as estruturas textuais e as estruturas discursivas passam a ser tratadas na inter-relação das categorias: sociedade, cognição e discurso, segundo a vertente sociocognitiva da Análise Crítica do Discurso, a fim de explicar as expressões linguísticas e seus implícitos culturais.

Quanto ao procedimento metodológico, o ensino de língua estrangeira passa a ter, também, um enfoque Interculturalista. Trata-se, pois, de ensinar ao aluno a cultura da língua-alvo, dando a ele a consciência da cultura de sua língua nativa, impedindo, assim, a sua aculturação. Silveira (1998, p. 18) afirma: *ensinar uma outra língua não se trata de aculturar o estrangeiro, de forma a levá-lo a abandonar a sua cultura nativa; trata-se de propiciar que os alunos tomem consciência da cultura presente em sua língua materna, a partir daquela que está integrada na língua-alvo.*

Segundo a autora, que desde 1998 passou a se ocupar de estudos sobre identidade cultural e ensino de língua para estrangeiros, urge que se desenvolvam pesquisas na área de estudos identitários idiomáticos e culturais do Português Brasileiro, pois o fenômeno da globalização vem estimulando as pessoas a quererem aprender o Português Brasileiro, tendo em vista que o Brasil abarca uma grande porção territorial nas Américas e tem importante papel nas suas relações econômicas e internacionais. Logo, abre-se a perspectiva de se investigar os implícitos culturais

das expressões linguísticas, privilegiando-se a importância de se conhecer a identidade sociolinguístico-cultural dos brasileiros para facilitar a "desestrangeirização" dos que aprendem essa variedade de língua como uma língua-alvo.

Ainda segundo Silveira (1998), a cultura está nas práticas sociais do cotidiano e, como tal, alguns procedimentos devem ser considerados quando se trata de ensino e aprendizagem de línguas. Eis a compreensão da importância do ensino de língua e cultura, não apenas para o falante de outra língua, mas também para o falante nativo que, embora tenha o marco de cognições sociais que lhes são particulares, comumente, manifestam a expressão “português é muito difícil” ou não “suporto estudar gramática” ou mesmo “não suporto as aulas de português porque é só para nos corrigir”, ou até “só assisto às aulas de português porque reprova”.

Com a visão pragmática que considera a língua em seu uso efetivo, os estudos identitários do Português Brasileiro passaram a merecer a atenção dos estudiosos da linguagem humana, não só para explicar as questões culturais como também as idiomáticas.

Registro de uma prática

A título de exemplificação sobre o papel dos ditos populares no tratamento da cultura e como material didático autêntico no ensino de língua portuguesa, metodologicamente, procedeu-se à seleção do material, os textos-reduzidos clichês – ditos populares –, usados frequentemente por informantes escolarizados, de nível superior, das regiões geográficas São Paulo e Maranhão. Solicitou-se aos informantes que registrassem os primeiros dez ditos populares que lhes ocorressem na memória, por lembranças, e usados por eles frequentemente.

Os textos-reduzidos foram analisados como sentidos mais globais, categorizados por áreas semântico-temáticas, em busca de uma unidade imaginária entre eles que variam devido à

diversidade das cognições sociais grupais. Ressalte-se que a designação “clichês”, textos-reduzidos são assim compreendidos por serem textos repetidos de geração a geração, no Brasil, e institucionalizados tanto pelo uso cotidiano de ditos populares (textos reduzidos) e contrapostos a outros textos, como textos-expandidos oficiais verificados e representados em língua, os quais são repetidos de geração a geração, devido à escola. Nesse sentido, consideram-se as duas dimensões: sentidos secundários e sentidos globais.

Os resultados obtidos das análises dos enunciados clichês coletados, tanto no Maranhão quanto em São Paulo, indicam que há uma diferença semântica entre eles, que pode ser apresentada como enunciados proverbiais e enunciados de máximas.

Os provérbios são definidos como enunciados clichês reduzidos que trazem representados em língua valores culturais positivos e negativos de “X”, relativos a lições de morais e orientações para a interação da pessoa com o(s) grupo(s) social (ais) e com o mundo. As máximas são, também, enunciados clichês reduzidos, mas trazem representados em língua o que é “X”, embora esta representação seja, também, avaliativa; assim, as máximas são relativas a condutas sociais presentes na interação interna e externa de membros de grupos sociais. Vejamos como as representações proverbiais e de máximas foram expressas nas duas regiões selecionadas.

Os valores culturais de norma e de conduta no Maranhão:

- ▶ Valor atribuído ao percurso do tempo para a melhoria da qualidade de vida: "Nada melhor do que um dia após o outro".
- ▶ Valor ao trabalho: "Deus ajuda a quem cedo madruga".
- ▶ Valor negativo atribuído à ambição: "Quem muito quer, nada tem" e "Não chore de barriga cheia".
- ▶ Valor positivo atribuído à violência quando se é violentado: "Quem com ferro fere, com ferro será ferido".

- ▶ Valor atribuído à palavra e não às ações, ou seja, à obediência da palavra de alguém: "Faça o que digo, mas não faça o que faço".
- ▶ Valor atribuído ao que se tem e não ao que se gostaria de ter: "Mais vale uma andorinha na mão, que duas voando".
- ▶ Valor atribuído à pessoa enquanto membro de um grupo: "Dize-me com quem andas que eu te direi quem és".
- ▶ Valor negativo atribuído à palavra: "Se conselho fosse bom não se dava, vendia-se".
- ▶ Valor atribuído ao silêncio: "Boca fechada não entra mosquito" e "Quem cala consente".
- ▶ Valor positivo atribuído ao ocultamento e negativo atribuído à exposição de si próprio: "Quem tem rabo de palha não passa perto de fogo" e "Você vê as pingas que eu tomo, mas não vê os tombos que eu levo"; "Mata a cobra e mostra o pau".

As representações de "X" no Maranhão

- ▶ Valor atribuído à profissão e não aos afazeres domésticos: "Casa de ferreiro, o espeto é de pau"; "Santo de casa não faz milagre".
- ▶ Valor atribuído à prática de injustiça humana: "O que aqui se faz, aqui se paga".
- ▶ Valor positivo atribuído à decisão e à realização de ações: "Quem planta, colhe".
- ▶ Valor atribuído à cura popular: "De médico, poeta e louco todo mundo tem um pouco".
- ▶ Valor atribuído a não dividir com o outro: "Cada um no seu canto chora seu pranto".
- ▶ Valor atribuído à paciência e perseverança: "Água mole em pedra dura tanto bate até que fura"; "Quem espera sempre alcança"; "Quem corre cansa e quem anda alcança"; "Pedra que muito se muda não cria limo jamais" e "De grão em grão a galinha enche o papo"; "O tempo de espera é mais longo do que o de chegada"; "O apressado come cru e quem espera tem digestão"; "O apressado come cru"; "Devagar se vai ao longe"; "Espere deitado, porque em pé cansa".
- ▶ Valor atribuído à posse individual quando esta é maior que a social: "Em terra de cego quem tem um olho é rei".
- ▶ Valor atribuído ao grupo e não ao individual "Em terra de sapo de cócoras como ele".
- ▶ Valor atribuído à alegria: "Quem canta seus males espanta".

- ▶ Valor negativo atribuído ao pobre: "Sem eira nem beira".

Os valores culturais de norma e de conduta em São Paulo

- ▶ Valor atribuído ao percurso do tempo para a melhoria da qualidade de vida: "Nada melhor do que um dia após o outro".
- ▶ Valor atribuído à pessoa enquanto membro de um grupo: "Dize-me com quem andas que eu te direi quem és".
- ▶ Valor ao trabalho: "Deus ajuda a quem cedo madruga".
- ▶ Valor positivo atribuído à violência quando se é violentado: "Quem com ferro fere, com ferro será ferido".
- ▶ Valor positivo atribuído ao ato de presente e não ao presente que foi dado: "Cavalo dado não se olham os dentes".
- ▶ Valor atribuído ao silêncio: "Boca fechada não entra mosquito/mosca".
- ▶ Valor positivo atribuído à fé e à esperança: "Deus tarda, mas não falha"; "Antes tarde do que nunca" e "A esperança é a última que morre"; "Quando Deus quer tudo pode".
- ▶ Valor atribuído à cordura e à paz: "Quando um não quer, dois não brigam"; "Depois da tempestade, sempre vem uma bonança".
- ▶ Valor atribuído à indecisão: "Quem muito escolhe, coisa ruim recolhe".
- ▶ Valor atribuído ao que se tem e não do que gostaríamos de ter: "Mais vale um pássaro na mão do que dois voando".

As representações de "X" em São Paulo

- ▶ Valor atribuído à profissão e não aos afazeres domésticos: "Casa de ferreiro, espeto é de pau".
- ▶ Valor positivo atribuído ao que pertence ao outro: "Dê a César o que é de César".
- ▶ Valor atribuído à inexperiência: "Quem nunca comeu melado quando come se lambuza".

- ▶ Valor atribuído à paciência e perseverança: "Água mole em pedra dura tanto bate até que fura"; "De grão em grão a galinha enche o papo"; "A pressa é inimiga da perfeição"; "Quem espera sempre alcança"; "O apressado come cru"; "Devagar se vai ao longe".
- ▶ Atribuição de perdão àquele que age errado contra quem age errado: "Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão".
- ▶ Valor positivo atribuído à palavra: "Quem tem boca vai a Roma"; "É rindo que se diz a verdade".
- ▶ Valor positivo atribuído ao social e negativo ao individual; "Deus por todos e cada um por si".
- ▶ Valor atribuído à mudança social: "Um dia é da caça e o outro é do caçador".
- ▶ Valor atribuído à posse individual quando esta é maior que a social: "Em terra de cego quem tem um olho é rei"; O que é do homem o bicho não come.
- ▶ Valor negativo atribuído às más relações sociais: "Melhor sozinho do que mal acompanhado."

Discussão dos resultados

Assim sendo, os grupos sociais representam seus conhecimentos de mundo de forma diversificada, pois as representações variam de grupo para grupo e cada grupo tem interesses, objetivos e propósitos diferentes. Logo, o modo de "ser" e de "fazer" de um grupo pode ser entendido como identidade cultural, que, nos ditos populares, apresentam aspectos comuns de um grupo social, de um povo ou nação. Para Silveira (1998), esse modo específico de "ser" e "fazer" de cada grupo manifesta-se no cotidiano. É no cotidiano que a cultura se cristaliza e é a cultura transmitida de geração a geração como um saber e conhecer o mundo.

Sabe-se que as representações do mundo são formas de avaliações sociais e individuais que dependem das Cognições, enquanto conhecimentos formados a partir do Discurso, que são formas de representação das ocorrências no mundo. Estas representações são avaliações opinativas a respeito das ocorrências, ou seja, as avaliações são opiniões sociais e, por serem opiniões, as avaliações variam de grupo para grupo.

Os grupos sociais têm formas particulares de representarem o mundo, que são avaliações culturais e por serem específicas, cada grupo considera sua cultura a mais especial e a mais correta; sua cultura funciona como parâmetro de superioridade, de modo que não há questionamento quanto à aquisição desses conhecimentos de valor, pois seguem padrões que lhes foram repassados como corretos pelos seus antecessores; tais conhecimentos são reforçados no cotidiano pelos grupos sociais e instituídos pela escola.

Nas relações sociais, as pessoas representam seus conhecimentos de mundo e suas experiências individuais, de forma a compreenderem a sociedade e a cognição; e, se definirem pelo marco de cognições sociais, que são marcos de conhecimentos comuns, e qualquer forma de avaliação é um ponto de vista.

Um ponto de vista é determinado pelo jogo de interesses, logo os jogos de interesses são formas de orientação social. Assim, os indivíduos têm os mesmos interesses, olham o mundo sob o mesmo prisma e, por olharem o mundo sob o mesmo prisma, eles representam o mundo de uma forma comum, ou seja, como marco de cognições sociais. Todavia, cada representação, como forma de conhecimento, não é verdade, mas crença avaliativa. No Maranhão e em São Paulo, ocorreram o provérbio com valor atribuído ao percurso do tempo para a melhoria da qualidade de vida: "Nada melhor do que um dia após o outro".

Como todas as crenças são ideológicas, para representar algo do mundo, as pessoas buscam saber “o quão bom” ou “quão mau” algo é para si. Essa forma de representar as coisas é um ponto de vista. Logo, os interesses das pessoas são mutáveis, assim como seus pontos de vista, no Maranhão, destaca-se valor negativo atribuído à ambição: "Quem muito quer, nada tem" e "Não chore de barriga cheia"; em São Paulo, valor atribuído à pessoa enquanto membro de um grupo: "Dize-me com quem andas que eu te direi quem és". Desse modo, os ditos populares são repetidos, oralmente, de geração em geração e constituem representações ideológicas da Memória Social, ou conhecimentos que fazem parte da sabedoria popular e de seu conhecimento enciclopédico.

Os conhecimentos enciclopédicos possibilitam preencher os espaços entre o que texto expressa em língua e o ideológico. É nesse espaço que se verifica o implícito cultural, porque o que “foi dito” em uma prática discursiva, em outra pode ter outra informação, que dependerá do modelo de focalização e da avaliação situacional do acontecimento. Entre outras ocorrências

destacam-se no Maranhão: valor atribuído à paciência e perseverança: "Água mole em pedra dura tanto bate até que fura"; "Quem espera sempre alcança"; "Quem corre cansa e quem anda alcança"; "Pedra que muito se muda não cria limo jamais"; já em São Paulo: valor atribuído à paciência e perseverança: "Água mole em pedra dura tanto bate até que fura"; "De grão em grão a galinha enche o papo"; "A pressa é inimiga da perfeição"; "Quem espera sempre alcança"; "O apressado come cru"; "Devagar se vai ao longe".

Os acontecimentos recebem valores que são avaliações de como o indivíduo pode representar e compreender algo, tendo como base um ponto de vista em relação a uma situação, já contextualizada pelos seus conhecimentos de mundo. Assim, pode-se ressaltar que os ditos populares são eventos discursivos particulares, que são usados e repetidos com frequência, de geração a geração. Essa frequência pode justificar porque ditos populares permanecem em uso até hoje, pois durante o Brasil colônia poucos brasileiros tinham acesso à escola, vivia-se, basicamente, o privilégio da oralidade.

Os conhecimentos de mundo instituídos pela oralidade tornam-se enunciados clichês, que trazem avaliações opinativas a respeito do que acontece no mundo, tanto como valor cultural quanto norma de conduta. As avaliações e as normas são formas diversas de representar o mundo. As formas dependem das cognições sociais de cada grupo. Os grupos constroem cognições, a partir de opiniões e a opinião é uma forma de avaliar um fato, por isso a opinião é uma crença. No entanto, as crenças podem ser mutáveis ou persistentes.

As crenças persistentes constroem a Memória Social e as mutáveis referem-se aos marcos de cognições sociais, uma que vez essas crenças têm raízes históricas e se modificam dependendo do processo histórico, como se verificam nos enunciados <<Dê a César o que é de César>> Império Romano e, hoje, pelo conhecimento social, é aplicável ao que pertence ao outro, há mudança de contexto, mas tem raiz histórica.

Para tanto, os ditos populares: provérbios e máximas podem justificar-se como identidade cultural. Assim, a questão da identidade cultural é marco de cognições sociais de diferentes grupos sociais em constantes conflitos. Silveira (1998) assegura que as pessoas e seus grupos sociais têm interesses, objetivos e propósitos comuns. O marco de cognições sociais se define por raízes históricas e com contemporaneidade, atualizado de acordo com a realidade situacional.

Se por um lado o marco das cognições sociais resulta das representações do mundo construídas pelos grupos, a partir de sua realidade, significa que eles têm opiniões divergentes para um mesmo referente, do mesmo modo que têm dinâmicas e apreensão de conhecimento diferenciado. Por outro lado, o marco é controlado pelo Poder que busca, entre os diferentes grupos, manter institucionalmente o domínio do conhecimento das práticas discursivas.

Nesse contexto, a prática social se sustenta pelo ideológico, porque existem práticas sociais, cuja interação comunicativa não tem valor racional constitutivo (por exemplo: as abelhas vivem em sociedade e são capazes de se comunicarem e de indicarem às outras companheiras o local onde existe mel). Já, as práticas sociais comunicativas dos homens são constituídas de valores ideológicos controladas pelo poder e, por terem contemporaneidade, são mutáveis, embora mantenham raízes históricas.

Na dinâmica das relações entre os fatos e as avaliações são humanas, em um determinado espaço temporal, ocorrem as práticas sociais que apresentam elementos ideológicos constituintes de identificação de um grupo, pelo interesse em comum, e diferente para o outro grupo. Nessa perspectiva, os ditos populares coletados nos dois estados se opõem, ou se refutam porque expressam pontos de vista opinativas diferentes.

Considerações finais

Da professora, acolhedoramente deixou "Água mole em pedra dura tanto bate até que fura"; "Dize-me com quem andas que eu te direi quem és". Em suas aulas, de tanto insistir, transformava nossos conhecimentos e acrescentava a importância da formação de professores linguistas, pois um profissional deve ter amplos conhecimentos linguísticos, enciclopédicos, socio-interativos de forma a alcançar de cada situação comunicativa ou interativa um "alto grau" de satisfação entre aqueles atores de cada situação de ensino e de aprendizagem; perpassando por esses conhecimentos atender as necessidades dos alunos "aprendizes" e de elaborar material didático adequado para cada necessidade.

Da pesquisadora, acrescentava tal como os ditos, "De grão em grão, a galinha enche o papo"; "Mais vale um pássaro na mão do que dois voando", desse modo foi nos preenchendo com seus "saberes" e ensinando "fazeres". Suas contribuições são inúmeras, para a formação de profissionais conscientes, capazes de ampliar as visões de "mundo" e de outros seres sem aculturar

o “Outro”, sempre a considerar a importância que cada um intrinsecamente detém de forma “a propiciar que os alunos tomem consciência de sua cultura e respeitem a do ‘Outro’”. Por esse prisma, língua e cultura se tornam elementos essenciais na prática de ensino de forma que entender e respeitar as condições de aprendizagem podiam ser motivadas por ditos populares, “Quem tem boca vai a Roma”; “É rindo que se diz a verdade”.

Farei minhas as palavras atribuídas a Isaac Newton: “Se eu vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes”, gigantes como a professora, pesquisadora e orientadora Regina Célia P. da Silveira.

REFERÊNCIAS

FAIRCLOUGH, Norma y WODAK, Ruth. Análisis crítico del discurso. *In*: Teun A. van Dijk (org.) *El discurso como interacción social*. Trad. Española. Barcelona: Gedisa editorial, 2000.

NÉLO, Maria José. *Discurso, cognição e sociedade: marco de cognições sociais e aspectos da identidade cultural do brasileiro*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa – PUCSP, 2001. (Dissertação de Mestrado).

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi. *Aspectos da identidade cultural brasileira para uma perspectiva interculturalista no ensino/aprendizagem de Português língua estrangeira*. *In*: SILVEIRA, R. C. P. (org.). *Português Língua Estrangeira - perspectivas*. São Paulo: Cortez, 1998.

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi. Em busca de uma Identidade idiomática para o Português brasileiro: a questão da pronúncia no ensino de PLE. *In* BASTOS, N. B. *Língua Portuguesa: teoria e método*. IP-PUC/EDUC. S. Paulo. 2000.

VAN DIJK, Teun A. *Cognição, discurso e interação*. KOCH, I. V. (Trad. Apresentação). São Paulo: Contexto, 1996.

VAN DIJK, Teun A. *Racismo y análisis crítico de los medios*. Buenos Aires: Padiós. 1997.